

**AS AFRODESCENDÊNCIAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA PROPOSTA
PARA UM ENSINO DE GEOGRAFIA AFROREFERENCIADO**

**AFRICAN DESCENTS IN TEACHER TRAINING: A PROPOSAL FOR AFRICAN-
REFERENCED GEOGRAPHY TEACHING**

**AFRODESCENDIENTES EN LA FORMACIÓN DOCENTE: UNA PROPUESTA PARA LA
ENSEÑANZA DE GEOGRAFÍA CON REFERENCIA AFRICANA**



10.56238/revgeov16n5-020

Maria Ismênia Leite de Sousa

Mestra em Educação

Instituição: Universidade Regional do Cariri (URCA)

E-mail: ismenialeite.2020@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-9780-0313>

Lattes: cnpq.br/0656984760482807

Henrique Cunha Júnior

Doutor em Engenharia Eletrica

Instituição: Universidade Federal do Ceará (UFC)

E-mail: hcunha@ufc.br

Orcid: 0000-0002-9664-5545

Lattes: cnpq.br/4115168193681709

RESUMO

O presente estudo propõe um ensino de Geografia para estudo das africanidades. O recorte geográfico desta pesquisa trata das espacialidades urbanas do município de Assaré, no Ceará. O estudo objetivou investigar o uso das afrodescendências no ensino de geografia da educação básica local. Para desenvolvimento desta pesquisa, foram utilizados procedimentos teóricos metodológicos da pesquisa afrodescendente, associada a pesquisa de campo com uso de entrevistas narrativas. Os resultados obtidos revelam a ausência de formação dos professores para reconhecimento do patrimônio cultural de origem africana e afrodescendente produzido no passado escravista do município. Deste modo, a necessidade da promoção de formação continuada para esses profissionais, com uso das afrodescendências para uma educação antirracista.

Palavras-chave: Formação de Professores de Geografia. Assaré-CE. Afrodescendências. Educação Geográfica.

ABSTRACT

This study proposes a Geography teaching approach that focuses on the study of African heritage. The geographic scope of this research concerns the urban spatialities of the municipality of Assaré, Ceará. The study aimed to investigate the use of Afro-descendants in geography teaching in local elementary schools. This research employed theoretical and methodological procedures from Afro-descendant research, combined with field research using narrative interviews. The results reveal a lack of teacher



training in recognizing the cultural heritage of African and Afro-descendant origin produced in the municipality's slave-owning past. Therefore, there is a need to promote continuing education for these professionals, incorporating Afro-descendants into anti-racist education.

Keywords: Geography Teacher Training. Assaré-CE. Afro-descendants. Geographic Education.

RESUMEN

Este estudio propone un enfoque de enseñanza de la geografía centrado en el estudio de la herencia africana. El ámbito geográfico de esta investigación se centra en las áreas urbanas del municipio de Assaré, Ceará. El estudio tuvo como objetivo investigar la participación de los afrodescendientes en la enseñanza de la geografía en las escuelas primarias locales. Esta investigación empleó procedimientos teóricos y metodológicos de la investigación sobre afrodescendientes, combinados con investigación de campo mediante entrevistas narrativas. Los resultados revelan una falta de formación docente para reconocer la herencia cultural de origen africano y afrodescendiente generada en el pasado esclavista del municipio. Por lo tanto, es necesario promover la formación continua de estos profesionales, incorporando a los afrodescendientes en la educación antirracista.

Palabras clave: Formación de Profesores de Geografía. Assaré-CE. Afrodescendientes. Educación Geográfica.



1 INTRODUÇÃO

O histórico de desenvolvimento econômico da sociedade brasileira constituiu-se com base na exploração e exclusão de grupos de pessoas socialmente subalternizadas, apresentando-se na sociedade atual, através das desigualdades. O reflexo dessas exclusões é compreendido por meio do apagamento histórico do protagonismo de populações negras que povoaram de forma forçada o território brasileiro, transferindo conhecimentos na execução do trabalho realizado de mão de obra escravizada na produção das cidades.

Desta forma, compreende-se haver a necessidade de se desenvolver um ensino de Geografia que oportunize aos estudantes a compreensão do histórico de produção das espacialidades, tendo a cidade como espaço de investigação. Desta forma, o que se propõe é a produção de um ensino que possibilite aos estudantes da educação básica, retomar ao passado do seu lugar de origem, propiciando a construção de um conhecimento crítico para compreensão de como se deu o uso de técnicas e tecnologias, utilizadas na origem do vilarejo e seu processo de transformação ao longo da história.

“As cidades puderam formar-se graças a um determinado avanço das técnicas de produção agrícola, que propiciou a formação de um excedente de produtos alimentares” Santos (2021, p. 59). O recorte geográfico deste estudo refere-se ao município de Assaré – CE e considerou o uso de técnicas de base africanas e afrodescendentes na produção do espaço da cidade, com análise das transformações no processo histórico. Assaré é um município desenvolvido com base em ideologias européias, tendo seus registros de povoamento que data das últimas décadas do século XVIII, período em que predominava na política do país o sistema colonial.

Tal como compreendido nesta pesquisa, existe uma problemática social das formações de professores de Geografia que se refere à ausência de conhecimento de maneira aprofundada sobre a origem das cidades do interior cearense e o uso de técnicas e tecnologias de base africana na edificação desses territórios. A perspectiva aqui adotada é que tal fato se deve ao(s) currículo com ideologias europeizantes que fundamentam os cursos de licenciatura na formação de professores de Geografia, cuja base do conhecimento da ciência geográfica é essencialmente europeia, desconsiderando que os africanos de forma forçada povoaram o território brasileiro, transferiram para ele uma diversidade de conhecimentos que também forjaram a espacialidade das cidades brasileiras.

Diante de tais aspectos, o estudo tem como objetivo identificar como os docentes com formação em Geografia utilizam as expressões geográficas de origem africanas e afrodescendentes existentes no município para produção de uma educação geográfica. São conhecimentos transplantados por africanas(os) na diáspora de forma forçada na produção das cidades brasileiras. Esses conhecimentos, que formam um acervo afrodescendente das cidades do Cariri cearense, se constituem em um patrimônio que, no entanto, não vem sendo preservado na história oficial dos municípios, produzindo desconhecimento da origem da história das cidades.



Para desenvolvimento desta pesquisa foi utilizado procedimentos teóricos metodológicos da pesquisa afrodescendente ancorada nos estudos de Cunha Júnior (2001), associada à pesquisa de campo nas diversas espacialidades do município com marcadores de africanidades do lugar. Para coleta de dados, foi utilizado levantamento em fontes orais, utilizando o método de entrevistas narrativa com um grupo de cinco professores com formação em Geografia, que lecionam na educação básica local para compreensão de como esses profissionais reconhecem e utilizam os registros que formam as afrodescendências do município no ensino de Geografia.

As narrativas foram coletadas e analisadas utilizando o método de análise do conteúdo em Bardim (2009), possibilitando o entendimento de como esses profissionais identificam e reconhecem os registros das africanidades nas espacialidades do município e como esses conhecimentos são utilizados no ensino de Geografia. Entretanto, diante do que foi observado, os docentes apresentaram dificuldades em produzir práticas ancoradas nas africanidades do município, o que ocorreu, acredita-se, por desconhecerem sobre a materialidade desses registros nas espacialidades do lugar.

Desse modo, propomos um ensino geográfico que possibilite aos docentes a construção de práticas inovadoras para além dos espaços da sala de aula. Assim, a importância do uso do estudo de campo com possibilidade de apreciar os conhecimentos estudados em sala de aula de forma teórica e abstrata. Uma metodologia que possibilita reconhecer nas expressões geográficas produzidas no passado do município, a compreensão das memórias históricas de origem africanas e afrodescendentes.

Iniciamos por propor um roteiro geográfico com análise das heranças africanas e afrodescendentes presentes nas espacialidades da cidade. Entendemos que o município de Assaré, apresenta em suas espacialidades urbanas e rurais, marcos importantes vinculados à cultura e história da população negra que foram produzidos no passado do município. Entre esses marcos propomos um estudo de campo na área da primitiva barragem do banguê um reservatório hídrico artificial que assegurou a urbanização da cidade, o arcabouço da igreja matriz de Nossa Senhora das Dores, a arquitetura do antigo casarão da Várzea e do prédio do Memorial Patativa do Assaré -CE, assim como uma análise das construções com uso da tecnologia em taipa de mão ou pau a pique, taipa de pilão, tijolo de adobe que originaram as primeiras residências, originando as ruas do vilarejo.

Portanto, sugerimos um ensino de Geografia que reconheça os conhecimentos africanos e afro-brasileiro existentes nas espacialidades da área urbana do município, vinculado ao protagonismo da população negra do lugar, como forma de reconhecimento identitário da população do lugar. Um ensino desenvolvido sob o que determina a lei 10.639/03 que alterou a lei 9394/96 para uma educação geográfica antirracista.

2 TERRITÓRIO DE ASSARÉ E RECONHECIMENTO DAS AFRICANIDADES

Assaré é um município brasileiro pertencente à região do Cariri cearense, tendo seus primeiros



registros de ocupação por volta do ano de 1775, período em que predominava no país a dominação de ideologias européias na ocupação das terras do interior cearense. Cidade que se formou a partir da circulação de pessoas no território antes denominado por Geremoabo, posteriormente tendo seu nome alterado pelo colonizador para Assaré-CE, localidade que liga as regiões de Inhamuns e Cariri. Não foi encontrado nos registros do município justificativa do que levou o fazendeiro a mudar o nome do vilarejo de Geremoabo para Assaré, nome que permanece até os dias atuais.

Entretanto, no bojo desta mudança, o vilarejo passou a ser edificado sob a dominação de descendentes de europeus, com o trabalho de mão de obra dos escravizados, os quais ocuparam este território junto ao fazendeiro. No entanto, a história oficial do município omitiu a existência da escravização no passado do lugar, não preservando o patrimônio material e imaterial que evidencia as heranças africanas e afrodescendentes produzidas na predominância do período colonial, imperial e pós-abolição. São saberes e conhecimentos transferidos de África pela população negra na ocupação forçada do território brasileiro.

Na atualidade, Assaré-CE possui uma área de 1.127,2 Km², estando localizado na divisão política na região do Cariri, ao Sul do Ceará, pertencente à mesorregião Sul cearense e microrregião da Chapada do Araripe. Suas fronteiras são os municípios de Antonina do Norte e Tarrafas, ao Norte; Santana do Cariri, Potengi, ao Sul; Altaneira e Farias Brito, a Leste; e Campos Sales a Oeste. A sua distância em relação à capital, Fortaleza, varia entre 462 a 520 km, conforme a rodovia. De acordo com o último Censo Demográfico (2022), o município possui uma população de 21.697 habitantes.

O município apresenta em suas áreas urbanas e rurais um acervo afrodescendente materializado através das expressões geográficas produzidas no passado do lugar que não vem sendo preservada na história oficial. Essas memórias são encontradas nas ruínas de antigos casarões, reservatório hídrico artificial e no patrimônio imaterial, através de narrativas dos antigos moradores do município.

Foi a partir da existência destes elementos que este estudo buscou desenvolver possibilidades de um ensino de Geografia com levantamento das memórias africanas e afrodescendentes presentes no município, vinculadas ao protagonismo da população negra do lugar. Conforme Callai (2020, p.60) “A escola é o lugar onde as aprendizagens formais devem ser desencadeadas e o professor tem a função de fazer com que o aluno tenha acesso ao conhecimento que a humanidade produziu”. Portanto, diante da ausência de reconhecimento e preservação das memórias que formam um acervo afrodescendente do município, muitos desses registros vêm sofrendo apagamento, ocasionando o desaparecimento da cultura afrodescendente local e é neste sentido que compreendemos a relevância de um estudo das memórias históricas que formam os aspectos geográficos da cidade.

E, nesta perspectiva, possibilitar aos docentes um ensino de Geografia, investigando as espacialidades urbanas do município, a partir de mapeamento das antigas construções produzidas no passado do lugar que formam o patrimônio arquitetônico material edificado com uso de técnicas e



conhecimentos dos africanos e afrodescendentes que povoaram este território na legitimidade do escravismo criminoso Cunha Júnior (2023). O que se compreende é que, desta maneira, seria possível contribuir para a oportunização do conhecimento acerca das espacialidades da cidade com foco na compreensão do período político do país em que foram edificadas tais construções. Portanto, um ensino que possibilite a compreensão das expressões geográficas de origem africana e afrodescendente que alterou a geografia do município para efetivação da lei 10.639/03, que determina o estudo da história e da cultura africana e afro-brasileira na educação básica.

3 A PRODUÇÃO DO TERRITÓRIO PELO TRABALHO E PELOS CONHECIMENTOS DA MÃO DE OBRA AFRICANA

O território brasileiro, tem na base do seu desenvolvimento econômico, a produção agrária. São produções realizadas pelos africanos que, de forma forçada, povoaram este território. A entrada de africanos em solo brasileiro possibilitou o desenvolvimento de diversas culturas que foram essenciais para a edificação das cidades e acúmulo de riquezas. Processo em que é importante ressaltar que os dominadores europeus tinham consciência das diversas regiões de África de onde essas pessoas foram trazidas existiam desenvolvimento próprio e diversas riquezas.

Os dominadores europeus foram atraídos pelos conhecimentos africanos na reprodução de riquezas na América. Conforme Rodney(2022, p. 101) “Europa ocidental e África tinham uma relação que assegurava a transferência de riqueza da África para Europa”. Uma relação que ocasionou sua expansão para conquista de outros territórios na América e Brasil na edificação das cidades e produção de riquezas.

O discurso negando a existência do sistema escravista no Estado do Ceará foi se expandindo e fortalecido na formação das cidades cearenses, contrapondo registros materializados na arquitetura dos lugares e relatos com vivências de pessoas que rememoram esse período nos dias atuais. Entretanto, as memórias africanas existentes no estado Ceará, os registros são materializados nas diversas áreas do território.

Na formação econômica do estado do Ceará prevaleceu a criação de gado, produção de couro e carne de charque. Devido aos solos tropicais, as tecnologias utilizadas foram as africanas e a economia do Ceará se deu na base da forma de criação do gado na África. Sendo essa uma versão da história e da geografia que a educação tradicional desconhecia. Para renovação dos modos do ensino de Geografia, tendo como base o pan-africanismo e entendendo a importância da contribuição africana, é que são necessários os conceitos de africanidade, afrodescendência e população negra (Cunha Júnior; Sousa, 2024, p.27).

Trata-se, portanto, de um município formado por espacialidades com evidências do protagonismo da população negra que compõem o território da cidade de Assaré-CE. Lugar que, povoado a partir de 1775, foi emancipado no ano de 1886 diante dos desafetos que foram surgindo



entre os coronéis com interesse em dominar o território. Todavia, outras vivências e relações que integraram esse processo foram omitidas nos registros da história local, tais como a participação da população negra escravizada nesse período. Porém, em diálogo com moradores mais antigos, os mesmos relatam esse pertencimento ao rememorar as histórias contadas e saberes dos que os antecederam acerca dos acontecimentos históricos. Registros também podem ser vistos materializados na paisagem, diante dos traços e marcos arquitetônicos presentes nas construções antigas em que se registram e estão materializados sobre a presença da afrodescendência de Assaré.

A compreensão presente nesta pesquisa é que o componente de Geografia, um componente curricular que também deve se ocupar de conhecer e produzir conhecimento crítico sobre a formação e transformações dos espaços geográficos das cidades. Assim, propomos o reconhecimento das afrodescendências do lugar por meio de uma educação geográfica afroreferenciada do município, reconhecendo e potencializando a importância da cultura africana na formação espacial de Assaré, como foco em uma revisão da geografia, história e cultura local.

Isso porque, nossa compreensão é que, deste modo, o ensino de geografia pode possibilitar aos educadores aprofundar em suas práticas pedagógicas seu conhecimento acerca da implantação do sistema escravista no país e as diversas formas de resistências por parte da população negra no processo de reterritorialização para manutenção dos seus conhecimentos e saberes, da luta de homens e mulheres abolicionistas, os enfrentamentos e revoltas que aconteceram nas regiões do Brasil. E, especial e fortemente no Nordeste, região que simboliza em sua cultura o grande pertencimento da população negra na luta por dignidade. Mas o que se alcança por meio de uma educação que desconstrói o que foi omitido no processo histórico e silenciado na educação formal diante de um currículo escolar que não oportunizou no ensino de geografia aprofundar sobre a formação das regiões através de uma perspectiva das heranças africanas no País? Compreender de maneira mais profunda as violências profundas contidas no processo de escravização que desumanizava, mas que, na luta por sua (re)humanização produziu espacialidades e culturas que são fundamentais de serem compreendidas nesta dimensão para se compreender as territorialidades de um país como o Brasil.

Nesse contexto, faz-se necessário possibilitar por meio do ensino de Geografia conhecer através de uma pedagogia das africanidades, a biografia de homens e mulheres que resistiram ao escravismo criminoso implantado no Brasil, mantendo suas culturas e conhecimentos no desenvolvimento das cidades. Conforme Cunha Júnior (2001, p.12) “As africanidades brasileiras são reprocessamentos pensados, produzidos no coletivo e nas individualidades, que deram novo teor às culturas de origem”. E, desta maneira possibilitar que estudantes apropriem dos marcadores das africanidades, revisando a história do lugar e seu pertencimento étnico-racial com visibilidade na história da população negra no desenvolvimento desses territórios.

Outro aspecto que se destaca é que, por este movimento de luta contra o apagamento do



protagonismo da população negra no país, também se luta contra mais uma forma de violência que tende a se perpetuar, caso a violência cometida sobre aquelas pessoas que enfrentaram todo processo de brutalidade desconsidere o papel desempenhado por seus conhecimentos e cultura na produção do espaço brasileiro a partir de suas vivências. E que, neste sentido, alimenta e estrutura o racismo que estruturou e dominou a formação dos territórios brasileiros. Logo, o ensino de Geografia afroreferenciado pode se apresentar como saber necessário com grande potencial de contribuição para a necessária revisão da geo-história das cidades, contribuindo para a desconstrução de alienações que foram apresentadas diante de um currículo europeizado que também (re)produz desigualdades.

4 USO METODOLÓGICO DAS AFRODESCENDÊNCIAS NA PESQUISA DE CAMPO PARA O ENSINO DA GEOGRAFIA

Esta pesquisa foi realizada com base no conceito de afrodescendência em que aborda a questão que as populações negras transportaram para o Brasil um conhecimento africano consolidado em mais de 5000 anos de formação cultural civilizatória africana (Cunha Junior, 2019). A partir da compreensão da afrodescendência, possibilitou a identificação das heranças africanas e afrodescendentes presentes no território de Assaré-CE. O mapeamento desses registros materializados na cultura e patrimônio local, como proposta para um ensino de Geografia na educação básica que valorize as memórias afrodescendente do lugar.

Através do estudo do trabalho de campo com roteiro de visitas as espacialidades produzidas no passado do município e reconhecimento do uso de técnicas e tecnologias de base africana que formam as afrodescendências locais. Portanto, foi possível ir reconhecendo e identificando as memórias que formam a identidade da população negra do lugar. Sobre o uso do trabalho de campo como meio de aprofundamento dos conhecimentos presentes na materialidade dos espaços, conforme Maia (2009), é a partir da “maior aproximação com essas localidades, que se pode apreender essas realidades”.

Conforme já dito, Assaré é um município em que a geografia possibilita a compreensão de diversos aspectos presente em suas paisagens, tais como: caracterização dos aspectos geográficos do lugar, processo de urbanização, uso de técnicas e tecnologias materializadas nos antigos casarões e aspectos ambientais, sociais, políticos e econômicos. . Desse modo, propomos um estudo de campo com roteiro e mapeamento a partir de estudo dos marcadores que formam as africanidades do município. A seguir, apresentamos o histórico de construção da barragem banguê.



Figura 01 e 02- A primitiva barragem do Banguê, no município de Assaré em período de cheia



Fonte: <https://www.facebook.com/cicero.doassare> / Fonte: Arquivo dos pesquisadores.

A antiga Barragem do Banguê é um reservatório hídrico artificial, que foi construído no século XIX, mais precisamente por volta do ano de 1842 com a finalidade de abastecer a população do lugar. Sua construção foi motivada por desentendimento entre os fazendeiros que objetivavam o desenvolvimento da urbanização do vilarejo a partir da localidade de suas fazendas. A palavra "Banguê" significa "padiola em que se conduziam cadáveres de escravos negros" e ainda "engenho de açúcar" (Guerra, 2009, p. 2).

Por ser o município edificado em uma área com ausência de abundância de água para abastecimento da população, o fazendeiro denominado Alexandre da Silva Pereira ordenou que fosse edificado um reservatório para acúmulo de água no abastecimento do vilarejo durante o período de estiagem. A barragem foi produzida, utilizando o trabalho de mão de obra escravizada. Após edificação do reservatório que inicialmente foi denominada pelo fazendeiro por barragem Nossa Senhora Das Dores e que posteriormente, vinculado aos trabalhadores de origem africana que denominaram o reservatório por barragem Banguê. Um nome dado por trabalhadores na construção da barragem em decorrência de estar associado a padiola, instrumento utilizado no transporte de material pelos trabalhadores na construção da parede.

Conforme registros coletados por antigos moradores do Bairro, Alto do Banguê, após a edificação da barragem, muitos dos trabalhadores ganharam terras em áreas próximas ao reservatório para edificação de suas residências, formando o que temos na atualidade, o Bairro Alto do Banguê. Um bairro com predominância de pessoas e culturas afrodescendentes. Conforme informações dos antigos moradores do bairro Alto do Banguê, a barragem tinha capacidade para abastecimento estimada em 2 anos consecutivos, na possibilidade de não haver inverno. Como afirma Melo (2019, p. 16) "portanto, foram 155 anos de utilidades múltiplas, inclusive para todo tipo de animais matarem sua sede, bebendo de suas águas". Por ser uma região que apresenta duas estações definidas: seca e chuvosa. A problemática da seca, com a existência da barragem, ocasionou o êxodo rural em busca de água para a sobrevivência da população. A parede do reservatório existiu dos anos que compreendem de 1842 a 2017, ano de sua demolição, (Melo, 2029). Durante esse período, a parede precisou ser reconstruída algumas vezes diante do volume de água recebido, algumas vezes chegando a romper,



causando diversos danos aos moradores.

Diante do crescente fluxo urbano que originou o aumento das construções civis, mais precisamente a partir dos anos de 1950, e com a ausência de planejamento da urbanização da cidade, os esgotos das residências passaram a escoar para às margens da barragem tornando essas águas impróprias para uso e consumo humano. Entretanto, a edificação da barragem e sua história são importantes marcadores de transferência de conhecimentos africanos no município, assim como foi de grande relevância social, cultural e econômica para a população do lugar.

Com o crescimento intenso e acelerado da área urbana do município, poluindo as águas da barragem, assim como gerando problemas ambientais como enchentes em período chuvoso, a exemplo da enchente ocorrida no ano de 2017 em que a administração pública municipal decidiu pela demolição da barragem, após uma enchente que alagou diversas áreas da cidade, com impacto sobre construções em áreas que deveriam ser preservadas. A história da barragem na trajetória urbana do lugar apresenta-se como importante patrimônio afrodescendente a ser compreendida no ensino de Geografia nas transformações das espacialidades locais.

Tal como a barragem, os registros, que apresentamos a seguir, das afrodescendências presentes no arcabouço da igreja matriz Nossa Senhora das Dores.

Figura 03- Igreja matriz Nossa Senhora Das Dores.



Fonte: Arquivo dos pesquisadores

A construção da matriz Nossa Senhora das Dores, foi um projeto desenvolvido sob a dominação do fazendeiro descendente de europeu, consolidando o crescimento da área urbana da cidade. O período da construção data do ano de 1842, uma construção edificada com uso do tijolo de adobe e através do conhecimento do trabalho de mão de obra escravizado. Desde o início, o fazendeiro Alexandre da Silva Pereira, já apontava o desejo em produzir a urbanização do território, trazendo em sua comitiva, o Padre Serafim da Penha (primo da esposa de Alexandre), posto que a igreja constituiria um dos marcos da futura urbanização. (Melo ,2019).

De fato, tal como ocorrido em todo o processo de colonização do território brasileiro, o poder exercido pela igreja católica no município se entrelaçou com a produção da cidade. Conforme relato



de moradores, o padre tinha o poder de doar terra em pagamento de trabalho realizado ou por afeição a moradores. O que pode ser observado durante o estudo de campo para além da estrutura e do uso de técnica no arcabouço da igreja, foi como este patrimônio contribuiu para a transformação da geografia do município e a dinâmica no modelo de desenvolvimento no processo histórico.

A seguir, apresentamos a casa grande da Várzea como proposta para estudo das africanidades da área urbana do município.

Figura 04- Casa grande da Várzea, localizada no centro urbano de Assaré -CE.



Fonte: Arquivo dos pesquisadores.

A casa grande da várzea recebeu esse nome devido sua localização ser próxima a uma várzea, local com passagem de água no período de chuvas, no centro urbano da cidade. A estrutura e arquitetura desta construção remetem aos conhecimentos africanos. A casa grande da várzea é uma construção que foi edificada em meados do século XIX, tendo como seu primeiro morador o Coronel Francisco Gomes Braga que além de advogado, foi político e grande proprietário de terras no município. A propriedade da casa tem um histórico de pessoas com alto poder aquisitivo no município. Após a posse do coronel Francisco Gomes, a referida construção passou a ser de posse do Doutor Manuel Paiva, o primeiro Juiz de direito a fixar residência no município.

A história de participação da população negra na construção da casa é uma história silenciada. Sabe-se que para sua construção veio um mestre de obra de Olinda-PE e que existiu escravizados na realização do trabalho para os fazendeiros proprietários. Em sua estrutura, a casa apresenta uma arquitetura antiga, com o telhado em duas águas e nas paredes o uso do tijolo de adobe, uso de óculos para iluminação e circulação de ar e sótão para armazenamento de alimentos, além de um conjunto de fachada que remete aos símbolos adinkras¹. Atualmente a casa é uma propriedade privada de posse da família Paiva e encontra-se com necessidade de cuidados ser restaurada e tombada como espaço de

¹ Adinkra significa adeus, e as pessoas das etnias acã usam o tecido estampado com os adinkra em ocasiões fúnebres ou festivais de homenagem. São mais de oitenta símbolos, destacados pelo conteúdo que trazem como ideogramas. Não só os desenhos do adinkra são estética e idiomáticamente tradicionais, como, mais importante, incorporam, preservam e transmitem aspectos da história, da filosofia, dos valores e das normas socioculturais desses povos de Gana. Nascimento,2022)



memória do trabalho realizado pela população negra do município. A seguir, apresentamos o histórico de construção do casarão onde abriga o acervo das memórias poéticas do saudoso Antônio Gonçalves da Silva, o Patativa do Assaré. Um espaço em que passou a ser chamado a partir do ano de 1999 de Memorial do Poeta Patativa do Assaré.

Figura 05- Prédio do Memorial Patativa do Assaré.



Fonte: Arquivo dos pesquisadores.

A construção desse prédio com data que remete à segunda metade do século XIX é uma construção realizada por um mestre de obra vindo de Olinda-PE. Diante do modelo arquitetônico e detalhes da fachada, compreende que seja o mesmo profissional que construiu a casa grande da Várzea. O espaço onde hoje abriga as memórias do poeta Patativa do Assaré, foi construído para residência da família Camapum, uma família de alto poder aquisitivo do município no século XIX.

Essa construção está localizada ao lado da igreja matriz e apresenta em seu arcabouço o uso de madeira no segundo piso, o uso de taipa de pilão nas paredes, conforme Cunha Júnior(2010, p. 28) uma técnica de origem africana. "Adobe, taipa de pilão, taipa de mão são técnicas construtivas com terra crua para casas e edifícios, encontradas em grande escala no período colonial, mas em uso até hoje, e que foram introduzidas e difundidas no Brasil pelos africanos". Portanto, além das técnicas de construção, o uso de símbolos adinkras representam as técnicas utilizadas por africanos em diversos segmentos da sociedade brasileira, os adinkras aqui abordados são encontrados na decoração da fachada de residências de pessoas com maior poder aquisitivo e em detalhes em ferro para decoração de grades e portões.

A partir destes registros arquitetônicos é possível afirmar que o centro urbano do município apresenta uma diversidade de técnicas e tecnologias de base africana que foram transferidas pela população africana que, legitimada pelo escravismo criminoso, povoaram o interior brasileiro e que necessita ser reconhecido e valorizado no ensino de Geografia. Portanto, sugerimos o estudo de campo a essas construções para apreciação e potencialidade do conhecimento estudado sobre as memórias do patrimônio de origem africana e afrodescendente do município.



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso estudo revelou que, apesar das políticas educacionais com relevância na alteração da lei de Diretrizes e Bases da educação Brasileira-LDB, tornando obrigatório um currículo com a introdução do estudo da história e cultura africana e afro-brasileira na educação básica, ainda há muito a ser realizado para efetivação da Lei 10.639/03. Diante da predominância de um currículo eurocêntrico nos cursos de licenciatura, não oportunizando a esses estudantes-professores a adquirirem conhecimentos suficientes sobre as potencialidades do continente africano que foram reproduzidas na história e cultura das cidades brasileiras através dos conhecimentos realizados com a exploração da mão-de-obra de homens e mulheres escravizados.

Diante do desconhecimento de grande parte dos educadores sobre como se deu o sistema escravista no Estado do Ceará, percebe-se o risco de sua reprodução na estruturação e desenvolvimento das cidades do interior cearense, o que dificulta a sensibilidade para se identificar nas paisagens e lugares marcos do pertencimento afro-brasileiro na geografia local. Desta forma, compreendemos que há a necessidade de mais investimento em capacitação e formação continuada desses profissionais para tratar sobre essas temáticas à luz da lei 10.639/03.

Assim, entendemos que pensar um ensino de Geografia a partir do Projeto Político Pedagógico-PPP que se utilize de registros do lugar é essencial para compreensão dos estudantes sobre as heranças africanas na formação do lugar e, lhe proporcionar um conhecimento das expressões geográficas e da cultura local afroreferenciadas, vinculadas a um pertencimento étnico-espacial. Efetivamente, um ensino que promova a apropriação identitária dos estudantes no entendimento da produção do patrimônio presente na área urbana do município e suas heranças afrodescendentes.



REFERÊNCIAS

- AZAMBUJA, Leonardo Dirceu de. Trabalho de Campo e Ensino de Geografia. Revista Geosul, Florianópolis-SC, v. 27, n. 54, p. 181-195, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/2177-5230.2012v27n54p181> Acesso em 20 de maio de 2025.
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Plano Nacional de implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, DF: MEC, 2009.
- CALLAI, Helena Copetti. Na geografia, a paisagem, o estudo do lugar e a pesquisa como princípio da aprendizagem. Ciência Geográfica - Bauru - XXIV - Vol. XXIV- (1): Janeiro/Dezembro - 2020
- Cidade de Assaré. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/assare/historico>. Acesso em: 18 de maio de 2025
- CORRÊA, Roberto Lobato. Trajetórias geográficas/ Roberto Lobato Corrêa; prefácio Milton Santos. 4º ed.-Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- CUNHA JR. Henrique. Africanidade, afrodescendência e educação. Educação em debate, Fortaleza, Ano 23, v.2, n. 42, p. 1-11, 2001.
- CUNHA JR. Henrique. Tecnologias africanas e educação / Texto de Henrique Cunha Junior / DPAAE – Salvador: EDIFBA, 2023. 55 p. (Coleção Pedagógica do Programa Asé Toré Formação em Educação sobre Negras(os) e Povos Indígenas; V. 7). E-Book. ISBN: 978-65- 88985-37-3.
- CUNHA JUNIOR. Henrique. Tecnologia africana na formação brasileira. 1.ed. Rio de Janeiro: CEAP, 2010.
- FRANCO, Nanci Helena Rebouças. A importância da formação de professores no processo de implementação da lei 10.639/03:algumas reflexões. Artefatos da cultura negra no Ceará: formação de professores para a educação, cultura, história africana e afrodescendente. III/ organização Alexandra Flávia Bezerra de Oliveira...[et al.], -1.ed.Curitiba PR:CRV,2015.
- GATTI, Bernardete Angelina. Professores do Brasil: novos cenários de formação / Bernardete Angelina Gatti, Elba Siqueira de Sá Barretto, Marli Eliza Dalmazo Afonso de André e Patrícia Cristina Albieri de Almeida. – Brasília: UNESCO, 2019.
- GUERRA, Denise. Danças brasileiras de matriz africana: “Quem dança, seus males espanta!”. Revista África e Africanidades, Ano I, n. 4, 2009.
- GOMES, Rita de C. Da C.. Buscando Compreender as Pequenas Cidades. In: OLIVEIRA, José A. de. (Org.). Cidades Brasileiras: territorialidades, sustentabilidade e demandas sociais. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009, pp. 125-137.
- Lei 10.639/03 que altera a lei nacional 9394/1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm Acesso em 22/01/2025.
- MELO, Antonio Crispim. História do Assaré. Gráfica: Ábaco. Crato-CE. 2019.

Nascimento, Elisa Larkin; Gá, Luiz Carlos. Adinkra :sabedoria em símbolos africanos 2. ed. Rio de Janeiro: Cobogó: Ipeafro, 2022.

RODNEY, Walter. Como a Europa subdesenvolveu a África/ Walter Rodney: tradução Heci Regina Candiani: apresentação Ângela Y. Davis: introdução Vincent Harding. Robert Hill, Willian Strickland: posfácio A.M. Babu 1ed.São Paulo: Boitempo, 2022.

SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado. Fundamentos teóricos e metodológicos da geografia./ Milton Santos em colaboração com Denise Elias.-6. ed.3.reimp.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.2021.

SANTOS, Milton. Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica/ Milton Santos. 6º ed.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. (coleção Milton Santos;2)

SOUSA, Maria Ismênia Leite de. CUNHA JR. Henrique. A trajetória da dança do coco: memórias, africanidades e educação formal. XIV Fórum Internacional de Pedagogia - FIPED. Crato, 2024.

SOUSA, Maria Ismênia. L de. As afrodescendências de Assaré: território, memória e construção da identidade negra. 2024. 123 f. Dissertação (Mestrado em educação) - Universidade regional do Cariri- URCA. Crato - Ceará. 2024.

